



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 62 a 68

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24

SUMMARIO: A ingenuidade na arte de representar — Curiosidades musicas — Carta do Porto  
— Concertos — Noticiario — Necrologia

## A ingenuidade na arte de representar

A proposito da minha carta sobre o programa do Concerto dado recentemente no Porto por M.<sup>elles</sup> Rey Colaço e sobre a *Interpretação poetica*, que nele entrava, das *Scenas infantis* de Schumann por Afonso Lopes Vieira, carta em que aludo ao caracter de certa personagem de Beaumarchais, reclama Michel'angelo Lambertini a exposição completa do caso que se lhe afigura, como a mim tambem, cheio de interesse. As minhas palavras a tal respeito foram as seguintes: «Lembra-me aquele critico que, no *Casamento de Figaro*, dizia á actriz que representava o *Cherubino*: — Menina, tu não consegues ser nem bastante simples, nem bastante ingénua; não vais lá.»

Lambertini, levando-me a tratar este assunto, obriga-me em primeiro logar a confessar que eu citára de cór cousas lidas ha muito tempo e que me apareciam agora sob a forma portugueza que, a pouco e pouco, as ideias foram tomando e que, naturalmente, é um pouco diversa da primitiva, a franceza. E, relendo no respectivo texto a passagem aludida, vejo que ela, de facto, é interessantissima e tambem de difficil tradução.

Mas, como para grandes males, grandes remedios, resolvo citá-la heroicamente tal como ela foi escrita, na sua propria lingua; desta maneira nada se perde do seu

sabor caracteristico, nem da sua elegante levêza.

Ora, essa passagem encontra-se numa peça de teatro que julgo nunca ter sido representada e que appareceu em 1889. Deu-lhe origem o caso de uma rapariga russa que veio a Paris em busca de gloria, fascinada e atraída pelos clarões da *Ville Lumière* e que, ao cabo de certo tempo, se suicidou; caso que não foi unico e é proximo parente desse outro succedido com a pintôra e discipula de Bastien-Lepage, Maria Bashkirtseff, que morreu tuberculosa aos 24 annos, deixando umas quantas telas e dois volumes de memorias que são talvez o mais violento testemunho conhecido de um desvario mental lucido e alucinante.

A suicida cujo nome, se bem me lembro, terminava em *ine*, como Bakunine, Borodine, Chaliapine, Kropotkine, tinha uma grande ambição — ser uma grande atriz; e queria entrar sem demora no primeiro teatro parisiense de declamação. Passando por Bruxellas, Gevaert, o sabio director do Conservatorio desta cidade, achou que ela conservava ainda muito acentuado o sotaque do paiz natal; aconselhou-a por isso a ficar na Belgica durante um certo tempo, para estudar a lingua e a declamação franceza, antes de se apresentar ao publico de Paris. Mas a rapariga, impaciente e inconsciente, não atendeu o conselho precioso e lá foi dar consigo em plena *Comédie*, onde debutou com pouco exito.

A peça em questão, intitulada *La Gomme* e escrita por Champsaur, se não é notável como trabalho literário, é digna de estima pelas gravuras que a ilustram e são devidas aos melhores artistas parisienses, especialistas do genero nesse tempo, como se vê pelas duas que reproduzo. O



Lyonnette Myria, vestida de Cherubin

assunto é muito simples e banal. A heroína, Tereza Raia, é uma slava que conserva a vivesa aspera e rude da sua patria; chega a Paris e relaciona-se com os mais elegantes frequentadores da *Comédie française*, os *gommeux* parisienses, a *vraie Gomme*. Dai o titulo da peça. Impulsi-

va, entusiasta, apaixonada, deixa-se seduzir pelo principal do bando, um duque ou principe qualquer, *le roi des gommeux* que, após o debute menos feliz da rapariga, a abandona. Ela apunhala-se no palacete do amante, por já não poder suportar as nauseas que lhe causa esse mundo de requintada elegancia ignobil e cinica. Todos — nobres, burguezes, banqueiros, criticos de arte, atores,

jornalistas, velhos e moços — todos lhe dão conselhos e acabam por lhe dizer: «*Venez me voir.*» Morreu de nojo.

Mas, se cito esta peça, é porque o segundo ato se passa no *foyer* da *Comédie* durante a representação do *Casamento de Figaro* de Beaumarchais, e porque, em tres das suas scenas, é que se dá o episodio a que me referi no principio d'este artigo, entre a atriz que fazia de *Cherubino* e o critico de arte que a não achava suficientemente simples e ingenua. O critico é Montagnol, grosso personagem no qual desde logo se reconhece o celebre Francisque Sarcey, *mon oncle*, como lhe chamavam os que o troçavam pelo acharem roti-

neiro e *burguez* na sua maneira de julgar. A gravura define-o bem. A atriz é uma qualquer. Após o 1.º acto do *Casamento*, encontram-se os dois no *foyer* e trava-se o seguinte dialogo:

## SCÈNE PREMIÈRE

MONTAGNOL, LYONNETTE

LYONNETTE EN CHERUBIN

Vous êtes satisfait de moi, cher maître. Que je suis contente!... J'ai envie de vous embrasser...

MONTAGNOL

Ce n'est pas l'endroit; il faut respecter le foyer. Vous êtes, ma chère enfant, dans un théâtre sérieux... D'ailleurs, s'il y a beaucoup de progrès dans votre diction, certains détails, d'allure générale, laissent encore à désirer.

LYONNETTE

Nous y voilà. Il y a des cheveux?

MONTAGNOL

Trop d'amusement et pas assez d'étude... vous êtes une agréable personne, mais vous n'êtes pas assez naïve. Voyez-vous un joli brin de fille qui fait la fête et semble se soucier comme d'une p mme... Voyez-vous cette gentille folle, arborant, toujours, une toilette nouvelle, cette tourmenteuse de cœurs dont les quenottes, avec ce bout de langue, dévorent des fortunes!... Non, la voyez-vous dans un rôle ingénu?

LYONNETTE

Chérubin n'est pas ingénu. Et Fanchette dont à ce que dit Basile: «*Tant va la cruch: à l'eau qu'à la fin elle s'emplit.*»

MONTAGNOL

Ecoutez... Dans sa notice sur les caractères et les habillements de sa pièce, — *Le Mariage de Figaro*, — Beaumarchais définit ainsi Chérubin: «*Timide à l'excès, d'ailleurs un charmant polisson; un désir inquiet et vague est le fond de son caractère. Il s'élançe à la puberté...*» Votre désir n'est pas inquiet et vague, vous n'êtes pas timide à l'excès, mais, par exemple, un adorable polisson.

LYONNETTE

Chérubin s'élançe à la puberté.

MONTAGNOL

Eh bien! Vous sautez par dessus.

No decorrer do espetáculo, *Cherubino* encontra-se ainda por duas vezes com o critico que lhe faz as seguintes observações:

MONTAGNOL

Je retourne dans la salle. (A Lyonnette) Permettez-moi de vous le redire: n'oubliez pas votre timidité... vous m'entendez!... Pas de chiel!...

LYONNETTE, (à Montagnol qui entre)

Eh bien, que pensez-vous, cher maître, de la façon dont j'ai chanté la « romance à madame? » (Elle chante.)

Auprès d'une fontaine...

MONTAGNOL

C'est gentil, mais pas assez ingénu... Vous n'avez donc pas d'ingénuité?

LYONNETTE

Je l'ai perdue, etc.

\*  
\*  
\*

A importância desta crítica, que se me afigura perfeita, compreende-se bem cotegendo-a com as passagens da obra de Beaumarchais a que ela se refere. Escrevendo, porém, para uma revista musical, prefiro estabelecer essa relação com as correspondentes páginas da ópera *Nozze di Figaro* de Mozart, cujo libreto, como se sabe, é uma deliciosa adaptação do original francês, feita no sentido da música por um homem de muito talento, o Abate Della Ponte. *Cherubino* em música conserva pois integralmente as qualidades da personagem dramática, mas a interpretação mozartiana dá-lhe o relevo e brilho máximos.

O brejeiro, ao princípio, não sabe bem o que tem, o que o agita; confessa-se comtudo a si mesmo e verifica a atrapalhada em que o lança o Amor.

Non so più cosa son, cosa faccio:  
Or di foco, ora sono di ghiaccio,  
ogni donna cangiar di colore,  
ogni donna mi fa palpitare.  
Solo ai nomi d'amor mi diletto  
mi si turba, mi s'altera il petto,  
e a parlare mi sforza d'amore  
un desio ch'io non posso spiegar.  
Parlo d'amor vegliando,  
parlo d'amor sognando,  
a l'acqua, a l'ombra, ai monti,  
ai fiori, a l'erbe, ai fonti,  
a l'eco, a l'aria, ai venti,  
che il suon de vani accenti  
portano via con sé.  
E se non ho ch'i m'oda  
parlo d'amor con me.

Mais tarde começa a ter coragem e pede às mulheres que lhe expliquem elas a causa do seu mal estar.

Voi che sapete che cosa è amor  
donne vedete s'io l'ho nel cor.  
Quello ch'io provo vi ridirò  
È per me nuov, capir nol so.  
Sento un affetto pien di desir  
ch'ora è diletto, ch'ora è martir;  
Gelo è poi sent, l'alma s'avvampar  
e in un momento torno a gelar.  
Ricerco un bene fuori di me:  
non so chi il tiene, non so cos'è;  
sospiro e gemo senza voler,  
palpito e tremo senza saper;  
non trovo pace notte nè di,  
ma pur mi piace languir così.



Montagnol

*Cherubino*, a meu vêr, não é comtudo tão inocente como o tonante se faz; e quem lh'o diz é o *Figaro* no momento em que finge despedir-se dele por motivo da partida para o regimento em que o *Conde* o manda alistar. Encontram-se essas frases na *Aria*, não menos celebre do que as já ci-

tadas e cujas duas primeiras quadras abaixo cito. *Cherubino* aparece-nos aí como um adolescente gracioso que apenas principia a adivinhar, mas cuja consciencia ainda não despertou completamente.

As quadras dizem assim :

Non più andrai, farfallone amoroso,  
notte e giorno d'intorno girando,  
delle belle turbando il riposo,  
Narcisetto, Adoncino d'amor.

Non più avrai questi bei pennachini,  
quell' capel' o leggiere galante,  
quella c'iomma, quell'aria brillante,  
quel vermiglio donnesco color.

O garoto é lindo e ousado; colhido em flagrante pelo *Conde* junto da *Condessa*, não oscila e prega comsigo de uma janela abaixo. Já sabe que morde no fruto prohibido. É portanto um temperamento, uma vocação decidida; tanto mais difficil por isso mesmo de exteriorisar com o caracter ingenuo que Beaumarchais indica e que o mestre de Salsburgo absolutamente respeitou. Por isso mesmo também essa personagem e essa musica exigem, para serem bem interpretadas, um estudo profundo e completo da mais fina psicologia e da mais paciente observação. E não admira que tantas vezes ouçamos cantar essas belas arias de uma maneira deploravel, quer por artistas, quer por amadores, como se fossem romanças banais de salão, sem a menor idea da obra de Beaumarchais e da singularidade dos estados d'alma nelas contidos. Tais interpretes convertem essas paginas de musica sublime e rara em outras tantas ridiculas sensaborias, e não ha meio de lh'o fazer compreender, porque a sua estúpida vaidade é irreductivel e inabalavel!

E aí! de quem lhes dirija a mais leve observação!...

Mas esse tipo de adolescente ainda não vicioso é, quanto a mim, um caracteristico representante da raça latina, permita-se-me a expressão com o significado usual; tem a graça e a desenvoltura leve e elegante dos meridionaes. Já não é comtudo uma creança; é um *homenzinho*, como as senhoras costumam dizer entre nós. Dai resulta uma outra difficuldade para a sua interpretação; porque tal maneira de ser corresponde a uma epoca de transição do nosso desenvolvimento fisico geralmente mal observada por nós todos e até tratada com desdem; muitas vezes ela só provoca o escarnio e a troça :

Já a formiga tem catarro.

Onde ha galos de fama que vem o pinto cá fazer?!...

Poucos são por isso mesmo os rapazes que ousam não encobrir esse modo de ser, e só o manifestam sem rebuço os de temperamento ou vocação perfeitamente acentuada, como acima indiquei. Mas estes são também os ingenuos.

\*  
\*  
\*

Como ia dizendo, essa *Figurinha de Saxe*, estilizada no mais gracioso seculo XVIII, é um representante dos povos meridionaes e nunca das raças do norte. Sugere-me esta observação a maneira como os alemães costumam interpretar os gestos da correspondente idade, ou momento da vida, no sexo forte.

Quando aqui se deu o *Siegfried* de Wagner, a então mais bem cantada das quatro jornadas da Tetralogia, impressionaram-me extranhamente os meneios e atitudes do tenor no primeiro acto do drama. Esse artista que pertence ao teatro de Hamburgo, o snr. Penarini, é um excelente cantor de brilhante e solida voz italiana, porventura explicavel pela sua ascendencia que o nome denuncia; mas é ao mesmo tempo um actor caracteristicamente germanico. Quando saltava e ria para bem marcar a juventude do heroi, tive a visão de um grande bebê, filho de um gigante de magica, e não do adolescente desembaraçado e destituído de medo. Já noutra occasião eu havia sido impressionado da mesma maneira, em Colonia, pelo cantor que representava uma personagem da *Zauberflote*, (*Il flauto magico*) do mesmo Mozart. D'onde concluo que esta maneira pertence aos alemães.

Suponho porém de todo errada uma tal interpretação. *Siegfried* domina inteiramente *Brunchilda*: deve portanto ser belo e valente esse mancebo, mas nada creança nos seus gestos e atitudes, e muito menos um menino. De outra forma a deusa, acostumada ás mais violentas cavallarias, ás carreiras por montes e vales, pelas nuvens e pelas terras do ceu, não o tomaria a serio. A meu ver, pois, ele tem de ser um teutão visto atravez dos olhos de um latino ou vice-versa; tal o caso que eu penso ter-se dado na criação das estatuas gregas, em que os modelos seriam os grandes e temidos chefes de cabelos louros e olhos azues, os violentos e rudes Aquiles, idealizados pela imaginação graciosa, leve e elegante do temperamento jonico.

Wagner era um espirito universal e a sua estetica abrangeu o mundo inteiro

Basta a conceção que ele expoz das tres artes musicais, italiana, franceza e alemã, identificadas ás mulheres dos respectivos paizes, para se comprehender a fina intuição que tinha da graça e da elegancia das varias raças. Ora as figuras que creou são, como se sabe, expressões maximas e integrais; tal é a sua visão creadora. Alem d'isso a graça, a ternura, o encanto, o poder da seducção eram-lhe muito familiares para que possamos admitir, portanto, uma tal exteriorisação do seu heroi predileto, do filho querido da sua alma tormentosa.

E' facto que o amor não penetrara ainda a alma de *Siegfried* no momento que indiquei, e que só se revela em frente da deusa adormecida; é pois um inconsciente da sua beleza e seducção soberana, um ingenuo á maneira de *Cherubino*, mais até do que ele porque não é um precoce, porque não é um meridional, apesar de ser mais velho de alguns anos do que ele. Ha pois indubitavelmente a tomar em consideração a diferença de raças. *D. João* é um heroi castelhano.

Por isso tambem a interpretação da personagem wagneriana a que me refiro não se me afigura tão difficil como a outra, tanto mais quanto, como disse, *Siegfried* é mais velho do que o interessante brejeirote espanico-franco-italiano das *Nozze di Figaro*. Aquele já tem voz de homem, este ainda não entrou na epoca da muda. Acresce ainda que, neste, a difficuldade abrange tambem a expressão do seu canto, facto que se não dá com o outro cuja declamação é sempre caracterizada pela força, alegria e desembaraço na acção.

Julgo porem ambos estes casos muito notaveis e dignos de serem postos em relevo numa galeria de *Figuras-tipos* destinadas ao estudo da arte de representar. A *ingenuidade* será sempre uma das maiores difficuldades que o actor e o cantor encontrarão no seu caminho. E, tratando-se de personagens como são *Cherubino* e *Siegfried*, o critico deve exigir sempre a graça suprema e ingenua aliada, no primeiro, a uma precocidade de garoto desembaraçado sem o saber e á fragil corporeidade de um adolescente *qui s'élançe à la puberté*; no segundo, á robustez de um mancebo tambem inconscientemente destemido, mas que tem uma completa confiança na sua força fisica.

Será justo este modo de vêr?

Lisboa, Abril de 1915.

ANTONIO ARROYO.

## Curiosidades musicaes

(2.<sup>a</sup> SERIE)

### III

Cantores e tangedores do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

No ultimo artigo diziamos que o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra era um viveiro que produzia muitos musicos, artistas de varios generos.

Já demos a pequena lista dos construtores de manicordios que pudemos apurar, vamos agora continuar este esboço com a enumeração dos mestres de capella, tangedores de instrumentos e cantores.

Copiando fielmente os assentos que encontramos e as notas respectivas, cumpri-mos como podemos o nosso designio.

Teremos que fazer talvez algumas observações ácerca de uma das notas, que reservaremos para o fim.

«Em os dous dias do mes de janeiro de 1561 tomou o habito em este mosteiro de Santa Cruz da cidade de Coimbra o irmão frei Leonardo, filho de Pero Afonso e de Isabel Afonso, natural de Condeixa, e pera lembrança asynou este assento o padre prior feito per dom Berardo escrivão do convento em os dez dias de janeiro de 1562 anos. fez profissão em os dous dias de janeiro de 1562 e não mudou o nome e se chama frei leonardo

dom Lourêço  
prior de Sãta †

(Nota á margem) tangedor de tecla arezado.»

*Torre do Tombo Livro I de Santa Cruz fl. 7 vº*

«Em os dezasete dias do mes de marso do anno de 1562 tomou o habito em este mosteiro de Santa Cruz de Coimbra o irmão frei Francisco natural de cidade Rodrigo filho de Pedro Mouro e de Isabel Sanches, não de legitimo matrimonio, e pera lembrança dello assinou este assunto o padre prior, feito per dom Berardo es-

crivão do convento em o dito dia mes e anno.

fez profissão aos 19 de marso de 1563 e não mudou o nome.

dom Lourêço  
prior de Sãta †

(*nota á margem*) foi mestre da capella do bispo da Guarda, e da Sé de Coimbra e compoz muitas cousas que se cantam em Santa Cruz em que são as Lamentações das endoenças etc.»

Id. id. fl. 9

«Em os vinte e dous dias do mes de fevereiro do anno de 1563 tomou o habito em este mosteiro de Santa Cruz de Coimbra o irmão frey Simão filho de Luiz Fernandes e de Isabel Alvez de legitimo matrimonio, e natural da dita cidade. E para lembrança dello assignou o padre prior este assento feito per dom Berardo escryvão do convento em o dito dia mes e anno. fez profissão em dia de S. Mathias 25 de fevereiro por ser bisexto do anno de 1564, e chama-se frei Baltazar

dom Lourêço prior de Santa †

(*nota á margem*) foi lançado do habito para Castella fazia bem cruxifixos destanho e de pao, cantava contralta.»

Id. id. fl. 9 vº

«Em onze do mes de janeiro de 1569 lançarao o habito a frei Silvestre natural da villa de Monte Mor o Velho, filho de Diogo Afonso e de Margarida Bolonha sua molher de legitimo matrimonio sendo prior e geral o padre dom Jorge. Fez profissão e chama-se frei Tomé dos Reis.

Dom Jorge  
prior e geral

(*Nota á margem*) Era muito dextro em canto dorgão teve bom tiple e ficou em contralta.»

Id. id. fl. 13

«Em os quatro dias do mes de setembro de 1571 annos lançaram o habito a frei Domingos filho de Antonio Nunes e de Isabel Pires sua legitima mulher naturaes da cidade de coimbra etc. e pera

lembrança assinou este assento o padre geral com os consyliaryos e com o dito frei Domingos. Fez profissão e chama-se frei pedro

Dom Lourenço  
prior geral de Santa †  
dom Jorge  
dom Fulgencio  
dom dionisio  
dom matheus  
frei domingos

(*Nota á margem*) D. Pedro de Christo tangedor de baixão e de tecla excelente, obüt de uma queda.»

Id. id. fl. 13 vº

«Em os vinte dias do mes doutubro de 1571 anos lançaram o habito a frey Jeronimo filho de Domingos Luiz e de Maria dAvis sua legitima mulher moradores nesta cidade, ja sam defunctos etc. e pera lembrança asinou este assento o padre geral com os consyliaryos e com o dito frei Jeronimo. Fez profissão e chama-se frei Gregorio

Dom Lourenço  
prior geral de Santa †  
dom Jorge  
dom Dionisio  
dom Fulgencio  
frei Hieronimo

(*Nota á margem*) D. Gregorio dAsunção contrabaixo obüt de dor de pedra.»

Id. id. fl. 20

«Em o mesmo dia 4 doutubro (1576) foi lançado o habito juntamente (*refere-se ao antecedente inscrito*) a frei Ambrosio natural da villa de Monte mor, filho de Gonçalo Gonçalves e de Caterina Luis sua legitima molher etc e por verdade asinou este assento com os padres nelle assinados no mesmo mes e anno. Fez profissão e não mudou o nome

Dom Pedro prior geral  
Dom Diogo  
frei Ambrosio

(*Nota á margem*) D. Ambrosio de Sento Agostinho teve excelente contralta.»

Id. id. fl. 25

(*Continúa.*)

BRITO REBELLO.

## Carta do Porto

### XIV

**Os concertos de M.<sup>elles</sup> Rey Colaço, de Carlos Dubini e da orchestra David de Souza**

E' muito para uma só carta, poderão dizer os meus leitores, mas acreditem que mau grado meu, deixo ainda de me referir n'este logar a muitos outros concertos, que a isso tinham direito, tal a intensidade febril d'um movimento musical que disputa quotidianamente o mesmo publico cançando-lhe a paciencia e a algibeira, até chegar o momento, que não deve estar longe, em que elle brilhe pela ausencia, com o que pouco terá a soffrer o seu sentimento artistico. Ha comtudo um avultado numero de *devotos* que correspondem promptamente á attracção d'um novo programma e foi essa *élite* que saudou entusiasticamente as intelligentes e interessantes filhas do illustre professor e pianista Rey Colaço, no lindo «Salão de Festas» do Passos Manoel.

Do programma que aqui vieram fazer, se occupou com o seu costumado brilho e competencia o Sr. Antonio Arroyo, em artigo que o ultimo numero d'esta revista reproduziu do *Primeiro de Janeiro*. Eu não saberia tratar esse assumpto com a mesma elevação de criterio do illustre critico e meu velho amigo; quanto ás invulgares disposições artisticas de M.<sup>elles</sup> Maria, Alice e Amelia Rey Colaço, tambem seria superfluo que eu as fizesse resaltar perante o meio lisbonense, que tão de perto tem seguido e acariado a evolução d'esses encantadores temperamentos de artistas tão primorosa e cuidadosamente educados. A minha missão é apenas registrar o bello acolhimento dispensado á sua apresentação, tão modesta como sympathica, e á intelligente interpretação de um programma deliciosamente confeccionado por um selectissimo publico. Applausos calorosos sublinharam todos os numeros em que respectivamente cada uma das gentis senhoras poz a nota bem viva da sua applicação e da sua emotividade, havendo mesmo alguns trechos bisados. Comtudo o grande interesse do sarau estava reservado ás *Scenas infantis* de Schumann, com o comentario poetico do Sr. Lopes Vieira. Essa maravilhosa série de quadros acreditou-se em Portugal, depois de a ter desacreditado pelos collegios a incompetencia dos que

professam, não prescrutando a ideia do musico genial, na justiça flagrante do sentimento e da scena que surprehende na vida das creanças, e confundindo os intuitos pelas exiguas dimensões dos quadros, como de *peças destinadas ás creanças*, isto é á *tapotage* inconsciente e ao chuveiro das notas erradas da maioria, creanças havendo em verdade capazes de tocar todas as notas, o que é uma apreciavel attenuante. Muitas occasiões tenho tido na minha vida, de asseverar que as *Scenas da Infancia* de Schumann são incluídas em programmas de grandes pianistas: Se a memoria me não atraiçoa, ainda não ha muito que Lazare Levy, que é eminente pianista e um primoroso interprete de Chopin e Schumann, as executou em Paris. Pois a minha asserção era sempre recebida com um ar de incredulidade que me não lisongeava. Não podia sêr. Se as peças são pequeninas... é para que as creanças as toquem, e mal.

O Sr. Lopes Vieira veio prestar um serviço valioso, permittindo que os seus lindos versos, que tão bem se ligam ao quadro, ajudem aquelles que musicalmente não sentem, á comprehensão da belleza da obra Schumaniana. O distincto poeta foi duplamente feliz: na delicada inspiração dos seus versos e no achado precioso e raro de quem lhos recita com a emoção, a pureza e o entusiasmo inegalaveis de M.<sup>elle</sup> Amelia Rey Colaço, que electrizou o publico que assistiu á sessão, e que tão largamente a applaudiu.

\* \* \*

No salão Gil Vicente do Palacio de Crystal, realisou em 21 d'este mez, o professor de violino Carlos Dubini, acompanhado por sua irmã D. Arminda Dubini, um lindo concerto coroado do melhor exito.

Carlos Dubini é um rabequista de valor, o que ninguem aqui ignora, não sendo portanto necessario para o confirmar, que elle sahisse do recato em que ha muitos annos voluntariamente se envolveu, para surgir inopinadamente á luz da rampa festivamente engalanada de azaleas de coloração forte, a dizer: eu tambem sei tocar violino. O numeroso publico que affluu á sua festa não duvidava d'isso; e porque o conhecia lá foi applaudil-o. O sympathico artista nada perdeu das suas qualidades de executante correcto, de boa escola, nem a distincção e a justeza da sua sonoridade se offuscou, antes muito ao contrario. Tem apparecido pouco é certo, mas isso só serviu para lhe poupar invejas e inimidades. A experiencia da vida tem-me demonstra-

do que os elogios e os applausos nos criam maior somma de inimigos e de prejuizos do que as censuras. A sua reaparição proporcionou-lhe um successo caloroso, de evidente sympathia pela sua modestia e de incitamento a proseguir na nova feição do seu talento artistico agora tão brilhantemente revelada no quartetto de corda de sua composição, que constituiu talvez o motivo principal d'este concerto de agora.

O Quarteto em lá menor op. 1 agora executado veio desvendar-nos um temperamento de compositor digno do maior apreço. A originalidade dos motivos, o seu desenvolvimento, coherencia, interesse polyphonic, sentimento das proporções, tudo n'esta obra parece trabalho de musico experimentado em intentos de tal grandeza.

Não permite uma fugidia audição que se fixem impressões exactas sobre a estrutura d'um quarteto, mas o que podemos desde já afirmar é que o primeiro andamento *allegro agitato* accusa, além da belleza da idéa, um notavel conhecimento da technica e que o *andante tranquillo* que constituê o terceiro tempo, produz uma intensa emoção pela elevação melódica, eivada da mais terna melancolia meridional. O Final, que o compositor denomina *Rondó a la lusa* é uma pagina trabalhada habilmente em requintes de fantasia, através dos quaes se salienta um desenho melódico nacional estylisado com delicada nobreza. Emfim, raramente se poderá encontrar entre nós quem n'um primeiro trabalho d'este genero, consiga obter um tão unanime exito de agrado, como Carlos Dubini conquistou com o seu quarteto op. 1.

A execução esteve a cargo de M.<sup>elle</sup> Ophelia de Oliveira, antiga discipula de Dubini, com applicado e proficiente trabalho posterior no estrangeiro, senhora que pelos seus talentos tem conquistado em muitas outras vezes os maiores applausos do publico e da critica, do auctor do quarteto (2.<sup>o</sup> violino), do violeta sr. Hasdrubal Godinho e do violoncellista Teixeira Lopes, que todos deram á interessante obra o melhor do seu esforço.

A registrar ainda a execução da *Sonata op. 45* de Grieg e do *Trio em dó menor* de Beethoven, em que a distincta professora sr.<sup>a</sup> D. Armada Dubini se desempenhou brilhantemente das partes de piano.

\*  
\*  
\*

A semana que decorreu foi de grande anciedade e não menor discussão artistica pela vinda ao Porto, das duas orquestras symphonicas de Lisboa: a de David de

Sousa para o Salão da Trindade e a de Pedro Blanch para o theatro Aguiã de Ouro, contractada esta ultima pela empreza do Passos Manuel. Resumidamente me referirei ao successo da primeira, deixando para a proxima carta o relato da apresentação da segunda, não tendo isso cabimento nas já desmarcadas dimensões d'esta chronica.

Conhecem ahi melhor do que nós o valor das suas orquestras, e a interpretação das obras que agora nos foi dado ouvir. Isso significa a minha tarefa limitada apenas a um dever de justiça mencionando quanto foi decorosa a apresentação da orchestra David de Sousa e quanto entusiasmo despertou no nosso meio a evidente demonstração do alto valor do mestre e da unidade bem disciplinada e consciente dos seus musicos. Merecerá talvez alguns reparos da critica a organização do seu primeiro programma, que ainda assim agradou geralmente; mas o segundo concerto, prestando-se melhor á avaliação de entusiasmo artistico, sobriedade e conhecimento da technica orchestral do sympathico regente e da sua phalange, constituiu um verdadeiro triumpho.

Dizia-se que a orchestra não ostentava a homogeneidade dos seus concertos de Lisboa pela falta de alguns dos seus melhores elementos; mas é incontestavel que o ardor, o entusiasmo, a attenção e a vontade substituiram essa deficiencia e levaram o publico á convicção de que David de Sousa é um grande regente de orchestra, com um alto poder de suggestão sobre os elementos artisticos, em muitas especialidades excellentes, que dirige. Por isso foram tão bem recebidos e ovacionados pela assistencia e pela generalidade da critica. Chegou mesmo a correr o boato que voltariam ao Porto ainda n'esta epoca, mas creio que isso não tem fundamento. Se o tivesse, para nós só era motivo de prazer.

ERNESTO MAIA.



No dia 13 realisou-se em S. Carlos a audição de duas composições de Oscar da Silva, que teve como executantes das suas obras, além do seu auctor, o violinista bel-



ga René Bohet, Ivo da Cunha e Silva e Moraes Palmeiro.

Oscar da Silva é um dos artistas portugueses que mais sympathias conta entre o nosso publico, lamentando todos que o conhecem e apreciam, a sua prolongada ausencia e o facto de ter ha bastante annos fixado residencia no Porto, onde conta actualmente um avultado numero de discipulos.

Se Oscar da Silva mostrou sempre uma grande intuição artistica e notaveis faculdades pianisticas, desde que Timotheo da Silveira encaminhou os seus primeiros passos no caminho da arte, não ha duvida que como compositor revelou bem cedo aptidões não vulgares. Mais tarde, mercê dos conhecimentos adquiridos no estrangeiro, onde por largo tempo estudou, tornou-se um compositor muito interessante e abalançou-se a produzir obra de maior folego, como a opera *D. Mecia*, que teve um acolhimento bastante lisongeiro para o novel compositor.

As obras agora apresentadas denotam pela sua sabia contextura, que Oscar da Silva, longe de dormir sobre os louros obtidos com as suas primeiras producções, se dedicou ao estudo, e tem trabalhado seriamente.

O quartetto em ré maior para piano, violino e violoncello é uma composição muito interessante. A phrase inicial e sobre a qual é tecido o primeiro movimento é bem lançada e desenvolvida com mestria. Póde dizer-se que a parte symphonica é toda ella tratada magistralmente.

O segundo andamento é talvez o melhor. A phrase do violoncello é bem lançada e de um bello corte melodico. Oscar da Silva intercallou o *scherzo* n'este andamento, e a transição de um movimento para o outro far-se-ha de uma fórma que não resulta forçada, e a que não falta elegancia.

O ultimo andamento, apesar de um tempo fugato, em que se avaliam bem as qualidades de compositor de Oscar da Silva é quanto a nós o mais fraco. A impressão que nos deixou esta obra não podia ser mais lisongeira para o seu auctor, e veio confirmar a opinião que ha muito tinhamos formulado sobre os meritos artisticos do illustre compositor.

A sonata, moldada em processos modernos, não permittiu que em uma só audição a apreciássemos devidamente; comtudo tem paginas de musica que desde logo se impõem ao ouvinte, como o andante e o *scherzo* de grande originalidade e optima factura.

Tanto no *quartetto* como na *sonata* se distinguuiu o violinista Bohet, artista de uma bella escola, grande afinação e pureza de estylo.

Oscar da Silva e os seus companheiros foram entusiasticamente applaudidos.

L. C.

\*\*

A 17 deu a illustre professora, sr.<sup>a</sup> D. Palmyra Rangel Baptista Mendes, uma primorosa festa escolar nas salas da sua residencia.

No programma que temos presente vemos inscripto o nome de algumas das suas mais talentosas discipulas, executando um delicioso repertorio das melhores obras pianisticas.

A esmaltar esse lindo programma, ainda se notam peças de cánto pela sr.<sup>a</sup> D. Maria Amelia Cid, versos pela sr.<sup>a</sup> D. Branca de Gonta Colaço, e varias obras de piano pela illustre promotora do concerto (*A ma fiancée* de Schubert-Liszt, *Mé-lodie hongroise* de Liszt, e a dois pianos com a sr.<sup>a</sup> D. Anna Ferreira da Fonseca, *Polonaise* de Saint-Saëns).

\*\*

A composição de Vianna da Motta, a que deu o nome de Invocação dos Luziadas, executou-se no domingo, 18, no theatro de S. Carlos. Conhecidos os methods do auctor e tratando-se de uma obra bem portugueza, a concorrência foi tal que a sala não tinha um logar vago.

Foi feliz Vianna da Motta, escolhendo os versos de Camões para a elles adaptar a sua musica? Não nos parece. Os Luziadas prestar-se-hiam a que um compositor influenciado pelas suas grandiosas passagens epicas desse largas á sua inspiração, mas nunca um poema d'aquella indole podia ser adaptado a musica, ainda mesmo que o artista que a isso se abalançasse possuísse qualidades que o collocassem ao abrigo de um provavel fracasso.

Vianna da Motta, n'esta composição, deu mais uma vez incontestaveis provas do seu valor, e seria injusto negar-se que o auctor, dadas as escabrosidades do poema, se sahiu do emprehendimento com relativa felicidade. Na fórma como a parte orchestral está tratada, que é cheia e sonora, e os timbres dos diversos naipes empregados com mestria, mostrou Vianna da Motta os seus muitos conhecimentos, ajudados por uma inspiração por vezes bastante apreciavel.

Em toda a composição se nota um accentuado character marcial, de um rythmo

claro e definido, o unico que na generalidade podia competir á indole do poema.

A parte coral é, quanto a nós, aquella que mereceu mais attenções ao auctor, e n'ella se encontram effeitos harmonicos de grande interesse e brilhantismo.

Esta obra constituiu o *clou* do concerto, embora n'elle se notasse ainda uma outra composição de Vianna da Motta, que em tempo dedicou a Bernardo Moreira de Sá. E' um trabalho de menor folego, apresentando, comtudo, uma factura perfeita.

No *Rondó capriccioso* de Mendelssohn, na genial obra de Debussy, *Cathedrale engloutie*, *Marcha nupcial* de Mendelssohn-Liszt, e sobretudo na *Fantasia hungara* de Liszt, com acompanhamento de orchestra, esteve Vianna da Motta simplesmente monumental pela fabulosa technica, que mais uma vez teve occasião de exhibir, a par de todas as outras qualidades que o publico lhe conhece.

M.<sup>me</sup> Vianna da Motta, com aquella arte que lhe é peculiar, cantou uma sublime obra de d'Albert, *Hymno medieval a Venus*, que o publico entusiasmado desejou ouvir segunda vez.

L. C.

\* \* \*

Tem sempre um elevado cunho de arte as festas organisadas por Mad. Palhares. A de 21 d'este mez superou a todas pela deliciosa escolha dos trechos e pela excellencia das provas realisadas, que constituíram o mais vivo documento do optimo methodo de ensino de tão illustre professora.

Quem apresenta alumnas como D. Alice Pancada e D. Fernanda Neuparth, artistas já consummadas, absolutamente senhoras de todos os recursos da technica vocal e possuidoras alem d'isso de invejaveis dotes naturaes, póde considerar-se consagrada no difficil mister d'ensinar canto. É as suas outras alumnas, D. Mary Bensimon, D. Palmyra Menezes Alves e D. Albertina Rodrigues, não fizeram senão confirmar a profunda impressão que em todos causou a audição das duas primeiras senhoras citadas.

Foi pois esta uma festa interessante a todos os respeitos e mais um triumpho, iniludivel, para a distincta professora que tão conscienciosamente a promoveu.

\* \* \*

Continuando o seu interessante trabalho de vulgarisação musical, o grupo ar-

tistico do Jardim Passos Manuel (Porto) realisou em 21 um sarau exclusivamente consagrado á musica hespanhola.

No programma estavam incluídas as seguintes obras: *Quarteto* de Breton, *Granada* de Albeniz, *Jueves Santo a media noche* de Turina, *Rapsodia* de Pedro Blanco, *Escena andalusa* de Turina, *Guajiras* de Arbós e *Cantos asturianos* de Ricardo Villa.

\* \* \*

Na sala da Liga Naval realisou o abalixado professor de canto Alberto Sarti, na noite de 22, uma audição dos seus alumnos, que esteve brilhantemente concorrida. Muitos amadores, artistas e familias da nossa primeira sociedade se reuniram na aristocratica sala a convite do promotor, ficando todos agradavelmente impressionados pelo brilhante resultado da audição. Não era necessaria mais esta prova para se avaliarem os meritos do professor Alberto Sarti e a sua boa escola de ensino, visto que inumeros exemplos de ha muito o tornaram um dos mais distinctos mestres de canto do nosso meio artistico. Todos os discipulos mostraram a mesma boa escola, bella empostação e apreciavel fórma de phrasear.

O avultado numero de executantes priva-nos de detalhadas referencias, mas não podemos deixar de fazer uma pequena excepção em favor das sr.<sup>as</sup> D. Maria Ferraz Bravo, uma deliciosa *diseuse*, D. Isabel Barahona Vieira, amadora com fóros de artista, D. Isabel Northway do Valle e D. Sarah Duarte, a quem já nos temos elogiosamente referido pelos dotes artisticos de que dispõem.

A Alberto Sarti, assim como a todos os seus discipulos, fez o publico entusiasticas ovações, mostrando assim quanto é apreciada a escola d'aquelle que ha annos exerce com notavel proficiencia as difficeis e ingratas funcções de mestre de canto.

L. G.

\* \* \*

Na noite de 22 effectuou-se em Setubal um grande concerto vocal e instrumental, que não pode deixar de registrar-se por muito que se queira simplificar esta secção.

Com uma orchestra de 66 figuras, quasi toda constituida por elementos locaes, executou-se a *Marche hongroise* da *Damnation de Faust* de Berlioz, entreacto-sevilhana do *D. Cesar de Bazan* de Massenet,

*Serenata* de Sgambati, quarta *Rapsodia portuguesa* de Victor Hussla, *Aibumblatt* de Wagner e primeira *suite* do *Peer Gynt* de Grieg.

Um orpheon de vozes masculinas executou o *Rataplan* dos *Huguenotes*, a fuga da *Damnation de Faust*, e o *Hymno á Noite* de Beethoven; um côro mixto de 100 vozes interpretou um *Coral* de Mozart e a *Feria V* de Palestrina.

Como solistas, fizeram-se applaudir entusiasticamente a sr.<sup>a</sup> D. Alice Pancada, illustre cantora-amadora, discipula de Mad. Palhares, e o sr. D. Francisco Benetó, o professor-violinista tão querido das nossas plateias de concerto.

Fechando este bello programma ouviuse a grandiosa *Marcha do Tannhäuser*, para orchestra e coros, exactamente como se executa nas representações theatraes da obra prima wagneriana.

A orchestra foi dirigida por Michel'angelo Lambertini, os coros pelo dr. Rocha Pinto e os acompanhamentos ao piano feitos por D. José Lorient.

A parte importante que o nosso director teve na realisação d'esta festa impede-nos de fazer quaesquer commentarios sobre o seu exito, bastando dizer que o publico da linda cidade do Sado, que enchia literalmente o theatro Avenida (antigo D. Amelia), dispensou a todos os executantes as mais entusiasticas provas de apreço e sollicitou a repetição de alguns numeros.

\*\*

No concerto promovido por Guilherme Bizarro, em 24, figurou o distincto violoncellista João Passos, as cantoras, sr.<sup>as</sup> D. Tagide Tavares, D. Fortunata Levy, D. Hermengarda Pereira, o barytono Jayme Gomes, e uma orchestra dirigida por D. Luis de La Cruz Quesada.

O concerto, segundo dizem os jornaes, teve bom exito.

\*\*

Nas salas do *Auto-Club* devia ter-se effectuado ante-hontem, 28, um interessante concerto, em que devia tomar parte a sr.<sup>a</sup> D. Beatriz Coelho, distincta discipula de Rey Colaço, e D. Alice Colaço, filha do mesmo illustre professor.

O programma, artisticamente confeccionado, comportava obras de Cesar Franck, Debussy e Wagner (para o piano) e Beethoven, Bach e Schumann (para o canto).

Não temos por ora outras noticias d'este bello sarau artistico.



O nosso grande concertista e professo Vianna da Motta foi convidado a dirigir uma classe superior de piano no Conservatorio musical de Genebra.

Parece que o illustre artista aceitou aquelle honroso encargo, o que certamente o não impedirá de visitar frequentemente a terra patria, onde a sua arte não conta senão admiradores devotados e sinceros.

\*\*

Para o proximo dia 6 está annunciado um concerto de homenagem á distincta professora de canto, D. Eugenia Mantelli de Angelis.

Estamos convencidos de que despertará um grande interesse esta festa, como todas a que se ache ligado o nome da notavel leccionista.

\*\*

Depois de se haver feito uma larga distribuição do catalogo inicial do Museu de Instrumentos e Accessorios musicaes, organizado pelo director d'esta revista, puzeram-se em venda em algumas livrarias e casas de musica os ultimos exemplares do volume.

E a proposito da interessante iniciativa do Museu, é dever nosso agradecer, em nome do organisador, as palavras tão amaveis com que alguns dos nossos collegas encareceram e elogiaram este empreendimento. Tinhamos mesmo a intenção de transcrever alguns dos artigos em que brilhantemente se defendeu a criação do Museu e mórmente os do *Seculo*, *Capital* e *Lucta*, que muito desenvolidamente se occuparam d'este momentoso assumpto. Não o fizemos comtudo ainda por absoluta carencia d'espaco.

\*\*

Por diligencia do tenor Raul de Lacerda está-se organisando uma companhia lyrica para dar algumas recitas no theatro de S. Carlos.

Esta companhia será exclusivamente composta de artistas nacionaes.

\*\*

Pelo Ministerio da Instrução Publica foi nomeada uma commissão para estudar a remodelação do ensino musical no nosso paiz.

Fazem parte d'essa commissão os srs. Vianna da Motta (presidente), Moreira de Sá, Oscar da Silva, Michel'angelo Lambertini, Francisco Bahia, Ernesto Vieira e Dr. José de Padua.

\*\*

O eximio violinista D. Francisco Benetó vae dar um grande concerto em Coimbra a 6 do proximo mez de maio.

Deve acompanhal-o um numero grupo de seus discipulos e outros amadores, os quaes constituirão uma orchestra d'arcos, a que estará confiada uma parte do programma.

\*\*

Os proximos concertos do *Orpheon Portuense* são a 3 e 5 de maio com a violinista sr.<sup>a</sup> Armida Senatra e o pianista Emeric von Stefaniai.

\*\*

As orchestras symphonicas do Politeama e de S. Carlos realisaram no Porto os concertos, a que já haviamos alludido no numero anterior.

D'elles se occupa, na competente secção, o nosso illustre collaborador portuense, professor Ernesto Maia.

\*\*

Recebemos a visita de duas interessantes publicações, a *Revista da Federação Academica de Lisboa* e o *Mundo Moral*.

Expõe a primeira em um numero-programma e pela bocca de alguns notaveis pedagogos e homens de sciencia as vantagens do principio associativo e especialmente as da Federação ha pouco instituida entre os alumnos das diversas escolas da capital.

Da segunda publicação já aqui fallámos com o louvor que merece: é tão bello e tão altruista o seu programma que todos nós lhe devemos facilitar a missao que vem tão nobremente cumprindo ha mais de um anno.

A ambas as redacções felicitamos, agradecendo a gentileza do envio. Sentimos não poder permutar com tão valiosas revistas por nos termos imposto o systema de o não fazer senão com as folhas da nossa especialidade.

\*\*

A'cerca do curioso episodio de Fuas Roupinho está escrevendo o nosso collega de redacção, sr. Alfredo Pinto (Sacavem), um commentario litterario que ha de ser posto em musica pelo notavel compositor Oscar da Silva.

\*\*

Para 15 de maio annuncia-se no Conservatorio um recital de piano pelo sr. Ruy Coelho. Dizem os jornaes que, entre outras obras, tocará a *Sonata* de Liszt, em *si menor*.

\*\*

Amanhã, 1, realisa o professor Julio Cardona, no salão do Conservatorio, uma audição de alumnos.

Agradecemos o convite.



Falleceu no Porto o sr. Antonio Manuel Castanheira, antigo socio da acreditada fabrica e armazem de instrumentos musicas, Custodio Cardoso Pereira & C.<sup>a</sup>, com séde social n'aquella cidade e em Lisboa.

\*\*

A' hora de entrar a revista na machina somos surprehendidos pela dolorosa noticia do fallecimento do illustre professor e musicologo, sr. Ernesto Vieira, fundador da *Arte Musical* e actual director do *Eco musical*.

E' profunda a nossa magua pela perda do amigo e do artista, a cuja memoria consagraremos no proximo numero uma desenvolvida noticia.

# AUTO-PIANO

Vende-se em boas condições  
no Salão Lambertini

62, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 68 — LISBOA